

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**BATISMO NO ESPÍRITO SANTO: Segunda Bênção ou Imersão no Corpo de
Cristo?**

Uma análise bíblico-teológica das perspectivas pentecostal e reformada

RAFAEL CLINI BELINTANI

SÃO PAULO

2025

RAFAEL CLINI BELINTANI

BATISMO NO ESPÍRITO SANTO: Segunda Bênção ou Imersão no Corpo de Cristo?

Uma análise bíblico-teológica das perspectivas pentecostal e reformada

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Joerley Orlando de OliveiraCruz

SÃO PAULO

2025

Belitani, Rafael Clini

Batismo no Espírito Santo: segunda bênção ou imersão no corpo de Cristo. / Rafael Clini Belitani. – São Paulo: 2025.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz

1. Batismo no Espírito Santo. 2. Corpo de Cristo. 3. Movimento pentecostal. 4. Soteriologia I. Título. II. Cruz, Joerley Orlando de Oliveira.

CDD 234.13

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Rafael Clini Belintani

BATISMO NO ESPÍRITO SANTO: Segunda Bênção ou Imersão no Corpo de Cristo?

Uma análise bíblico-teológica das perspectivas pentecostal e reformada

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz - Orientador

SÃO PAULO

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sua graça, direção e sustento em cada etapa desta jornada.

À minha esposa, Tatiane Belintani meu amor e companheira fiel, pela paciência, incentivo constante e compreensão nos momentos mais desafiadores.

Aos meus filhos, José Belintani e Cecília Belintani, que são motivo de alegria, inspiração e força diária, mesmo quando o tempo precisou ser dividido com os estudos.

Ao meu pai, Pr. Valdir Belintani, e à minha mãe, Vladimilse Belintani, por todo apoio, dedicação e ensinamentos que moldaram minha caminhada. Sou grato também à minha avó, Adélia Belintani, por suas constantes orações, carinho e exemplo de fé.

Expresso minha profunda gratidão ao Presbítero Daniel dos Santos, cuja orientação, disponibilidade e apoio foram essenciais para a conclusão deste curso.

Agradeço ainda à Igreja Batista Jardim das Oliveiras, por ser o lugar onde posso exercer meu ministério, crescer espiritualmente e servir ao Senhor ao lado de irmãos tão especiais.

A todos vocês, minha sincera gratidão.

RESUMO

Este trabalho investiga a doutrina do Batismo no Espírito Santo sob três eixos — histórico, pentecostal e soteriológico — com especial atenção à coerência teológica da perspectiva reformada. A pesquisa contextualiza o desenvolvimento histórico da doutrina desde o Pentecostes bíblico até o surgimento do pentecostalismo moderno, passando pelo metodismo, pelo movimento de santidade e pelos avivamentos dos séculos XVIII e XIX. Embora o pentecostalismo clássico interprete o batismo no Espírito como experiência subsequente à conversão e associada ao revestimento de poder, a análise bíblica e sistemática aqui desenvolvida favorece a compreensão reformada, segundo a qual o Batismo no Espírito Santo é um ato soteriológico inicial, inseparável da regeneração, da justificação e da união com Cristo (1 Co 12.13). Tal perspectiva entende que a plenitude e os dons do Espírito pertencem ao processo contínuo da vida cristã, não a um rito ou experiência pós-conversão específica. O estudo conclui que a abordagem reformada oferece maior consistência exegética e sistemática, preservando tanto a universalidade da obra do Espírito na conversão quanto a dinâmica contínua da santificação, resultando em uma síntese teológica mais sólida para a compreensão da vida no Espírito.

Palavras-chaves: Batismo no Espírito Santo. Corpo de Cristo. Movimento Pentecostal. Soteriologia

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. RESUMO HISTÓRICO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	12
1.1 ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	12
1.2 O MOVIMENTO DE SANTIDADE E CHARLES FINNEY, BASE DA IDEIA PENTECOSTAL.....	13
1.3 A EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL E A SEGUNDA BÊNÇÃO.....	14
2. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO SEGUNDO O MOVIMENTO PENTECOSTAL	15
2.1 BASES DOCTRINÁRIAS DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO	15
2.2 EVIDÊNCIA INICIAL: FALAR EM LÍNGUAS	15
2.3 FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA DOCTRINA PENTECOSTAL	16
3.3.1 Diálogo hermenêutico entre Roger Stronstad e I. Howard Marshall	16
2.4 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO PORTA DE ENTRADA PARA OUTROS DONS ESPIRITUAIS	17
2.5 PERSPECTIVA DOS AUTORES PENTECOSTAIS BRASILEIROS SOBRE AS DOCTRINAS PENTECOSTAIS.....	17
2.6 DIMENSÕES PRÁTICAS E MISSIONÁRIAS	18
2.7 CONCLUSÃO PARCIAL DO CAPÍTULO.....	18
3. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO PRECEITO SOTERIOLÓGICO	19
3.1 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO	19
3.2 O ESPÍRITO SANTO E A UNIÃO COM CRISTO	20
3.3 DIMENSÕES BÍBLICAS E EXEGÉTICAS DO BATISMO NO ESPÍRITO	21
3.4 O TESTEMUNHO TEOLÓGICO SISTEMÁTICO	21
3.5 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E ECLESIOLÓGICAS	22
3.6 CONCLUSÃO PARCIAL DO CAPÍTULO.....	22
4. ANÁLISE DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13	23
4.1 TRADUÇÃO EXEGÉTICA DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13 (GREGO + ANÁLISE PALAVRA POR PALAVRA)	23
4.2 RESUMO DA TRADUÇÃO EXEGÉTICA	25
4.3 ANÁLISE EXEGÉTICA E HERMENÊUTICA DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13 SEGUNDO TEOLOGIA REFORMADA.....	26
4.4 INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA PENTECOSTAL DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13	28
4.4.1 Unidade do Corpo: Convergência Pentecostal e Reformada	29

4.4.2 “Fomos todos batizados em um só Espírito”: Incorporação e Não a Experiência Pentecostal.....	29
4.4.3 Diversidade dos Membros e Distribuição dos Dons: Ênfase Pentecostal.....	30
4.4.4 Hermenêutica Pentecostal: Conclusões-Chave	31
4.5 COMPARAÇÃO CRÍTICA ENTRE AS LEITURAS REFORMADA E PENTECOSTAL DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13	32
4.5.1 O Sentido do Verbo ἐβαπτίσθημεν: A Força do Aoristo Passivo	32
4.5.2 A Universalidade do “Todos Nós”: Um Argumento Decisivo	33
4.5.3 O Propósito do Batismo: Unidade Versus Poder	34
4.5.4 “Beber do Espírito”: Sustentação Espiritual ou Habilitação Carismática? ...	34
4.5.5 Paulo e Lucas: Mesma Doutrina ou Ênfases Distintas?	35
4.5.6 Conclusão Comparativa: A Superioridade Exegética da Leitura Reformada	35
5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL E COMO ATO SOTERIOLOGICO	37
5.1 HERMENÊUTICA PENTECOSTAL (ATOS COMO PARADIGMA NORMATIVO) E HERMENÊUTICA REFORMADA (EPÍSTOLAS COMO NORMATIVAS).....	37
5.2 DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS	38
5.2.1 Natureza do Batismo no Espírito	38
5.2.2 Distinção entre Batismo e Plenitude	39
5.2.3 Papel das Línguas	39
5.3 CONVERGÊNCIAS TEOLÓGICAS	40
5.3.1 O Espírito está presente na vida de todo crente	40
5.3.2 A necessidade da plenitude do Espírito.....	40
5.3.3 Os dons espirituais são atuais	40
5.4 IMPLICAÇÕES ECLESIOLOGICAS E PASTORAIS	40
5.4.1 Pentecostalismo	40
5.4.2 Teologia Reformada/Evangélica	41
5.5 CAMINHOS DE DIÁLOGO ENTRE AS TRADIÇÕES.....	41
5.6 A SUPERIORIDADE DA INTERPRETAÇÃO REFORMADA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	42
5.6.1. Unidade da Obra do Espírito na Conversão.....	42
5.6.2. Problemas Hermenêuticos da Leitura Pentecostal	43
5.6.3. Problemas Pastorais Criados pela Doutrina Pentecostal	43
5.6.4. A Interpretação Reformada Preserva a Unidade da Igreja	44
6 CONCLUSÃO.....	45
6.1 RETOMADA DOS ACHADOS EXEGÉTICOS	45
6.2 COMPARAÇÃO HERMENÊUTICA: REFORMADOS X PENTECOSTAIS.....	45

6.3	FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA REFORMADA: GRUDEM E BRUNER	46
6.4	ENCERRAMENTO.....	47
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O debate acerca do batismo no Espírito Santo constitui um dos temas centrais da Pneumatologia cristã e, simultaneamente, um dos pontos de maior divergência entre as tradições teológicas protestantes. Desde o surgimento do pentecostalismo clássico no início do século XX, consolidou-se a compreensão de que o batismo no Espírito representa uma experiência subsequente à conversão, normalmente acompanhada da evidência inicial do falar em línguas. Tal perspectiva influenciou fortemente a espiritualidade, a liturgia e a identidade de inúmeras denominações ao redor do mundo. No entanto, a tradição reformada — alicerçada em leituras exegéticas contínuas e na ênfase na unidade da obra salvífica — oferece uma interpretação distinta, defendendo que o batismo no Espírito constitui parte integral da regeneração e da incorporação do crente ao corpo de Cristo.

Embora a doutrina do batismo no Espírito Santo seja frequentemente discutida a partir de diversos textos bíblicos, **este trabalho assume 1 Coríntios 12:12–13 como eixo exegético central**, por ser nessa passagem que o apóstolo Paulo articula de modo mais direto a relação entre batismo espiritual, corpo de Cristo e identidade eclesial. Nesse texto, o batismo no Espírito não aparece como experiência subsequente ou diferenciadora entre crentes, mas como realidade comum a todos os que pertencem a Cristo. A partir dessa constatação, torna-se possível avaliar criticamente as leituras pentecostais clássicas e reformadas, bem como os pressupostos hermenêuticos que sustentam cada abordagem.

Diante desse cenário teológico plural, este trabalho propõe-se a examinar criticamente as principais contribuições bíblicas, históricas e sistemáticas que informam a discussão sobre o batismo no Espírito Santo, com especial atenção ao contraste entre a hermenêutica pentecostal clássica e a hermenêutica reformada, tomando 1 Coríntios 12:12–13 como texto normativo para a análise. A pesquisa dialoga com autores representativos da tradição reformada contemporânea, como Wayne Grudem, que argumenta que o Novo Testamento não sustenta uma separação entre conversão e batismo no Espírito,

bem como com estudos históricos, como os de Donald Dayton, que situam o pentecostalismo em continuidade com o movimento metodista e de santidade, evidenciando os pressupostos teológicos que moldaram sua doutrina.

A relevância acadêmica e eclesiológica deste trabalho reside na necessidade de compreender como diferentes tradições constroem suas doutrinas a partir de pressupostos hermenêuticos específicos e como tais construções impactam a prática pastoral e a espiritualidade das comunidades cristãs. Ao privilegiar a perspectiva reformada, o presente estudo procura demonstrar que a compreensão do batismo no Espírito como evento único, associado à conversão, preserva a unidade da obra do Espírito Santo no processo de salvação e evita categorias adicionais não explicitadas pelo texto bíblico. Assim, espera-se contribuir para um diálogo mais equilibrado, crítico e fundamentado entre as tradições, promovendo uma leitura teológica que respeite tanto a diversidade histórica do cristianismo quanto a centralidade da Escritura como norma de fé e prática.

1. RESUMO HISTÓRICO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

1.1 ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O estudo do Batismo no Espírito Santo constitui um dos temas mais debatidos e centrais dentro da teologia cristã, especialmente nas tradições pentecostais. A compreensão dessa experiência espiritual tem raízes profundas tanto nas Escrituras quanto na história da Igreja. Desde o Pentecostes narrado em *Atos dos Apóstolos* (At 2), a descida do Espírito Santo sobre os crentes foi vista como um evento marcante de capacitação e comunhão espiritual, com implicações e repercussões que perpassam a eclesiologia, a espiritualidade e a missão.

Ao longo dos séculos, o entendimento sobre a presença e a ação do Espírito sofreu transformações teológicas e pastorais. Nos primeiros séculos, os Padres da Igreja associaram a presença do Espírito à regeneração e à vida sacramental. Agostinho ressaltou o Espírito como princípio de unidade e santificação do Corpo de Cristo, sublinhando a dimensão comunitária da presença divina (AGOSTINHO, 1841, p. 1232). Na Idade Média, a estrutura sacramental e a teologia escolástica foram incorporando a noção de Espírito como motor da graça santificante. Já na Reforma, figuras como Lutero e Calvino deslocaram o foco para a centralidade da palavra e da fé, mantendo, porém, a convicção de que o Espírito opera na regeneração e na iluminação da consciência (CALVIN, 2015 p.440-441).

O avivamento metodista do século XVIII, liderado por John Wesley, reacendeu a linguagem da “segunda obra da graça” — entendida por muitos como santificação plena ou perfeição cristã — e influenciou profundamente as tradições evangélicas subsequentes. Wesley articulou uma espiritualidade que integrava experiência e ética: a perfeição cristã era vista como fruto do amor santificador do Espírito, experimentado por aqueles que buscassem consagração profunda (DAYTON, 1987 p. 35; 87-90).

No século XIX, o clima avivalista e missionário se intensificou. Pregadores como Dwight L. Moody, R. A. Torrey e A. J. Gordon trouxeram ao centro do

discurso cristão a necessidade de poder espiritual para o serviço e o testemunho. Moody defendia que havia um “dom do Espírito para o serviço” além da conversão; Torrey escreveu extensivamente sobre como obter plenitude de poder e interpretou o batismo no Espírito como experiência distinta; Gordon ressaltou a dimensão ministerial e de cura associada à ação do Espírito (DAYTON, 1987, p. 52-54).

No final do século XIX e início do XX, as reflexões sobre santificação e revestimento de poder desembocaram em formulações que serviriam de solo para o pentecostalismo: a ideia de uma experiência subsequente à conversão, que capacita para o serviço e abre o acesso à manifestação dos dons. Em 1870, a obra de Asa Mahan, *The Baptism of the Holy Spirit*, e estudos subsequentes consolidaram a noção de que havia múltiplas formas de entender a relação entre salvação, santificação e batismo pneumatológico (DAYTON, 1987 p.90-91).

O avivamento da Rua Azusa (1906), conduzido por William J. Seymour, representou o catalisador do pentecostalismo moderno: experiências carismáticas — entre elas o falar em línguas — foram interpretadas como sinais da restauração da prática apostólica. A partir daí, o Pentecostalismo espalhou-se geograficamente e sociologicamente, organizando-se em múltiplas denominações e movimentos, e, no Brasil, manifestando-se intensamente a partir das décadas iniciais do século XX com a atuação de missionários e líderes locais (HORTON, 2022 p.18).

1.2 O MOVIMENTO DE SANTIDADE E CHARLES FINNEY, BASE DA IDEIA PENTECOSTAL

Entre os avivalistas norte-americanos do século XIX, Charles Grandison Finney assumiu posição de destaque por suas *New Measures* e por sua ênfase em um avivamento prático e muito emocional. Finney defendia medidas ativas de evangelização e via no Espírito Santo não somente o agente regenerador, mas também o revestidor de poder que possibilitava transformação moral e eficácia ministerial (FINNEY, 1875 p. 430-440). Sua proposição de uma “nova

obra da graça” contribuiu decisivamente para a emergência de leituras que distinguiam regeneração, santificação e revestimento de poder.

A partir da publicação de Asa Mahan e dos órgãos intelectuais afins, consolidaram-se pelo menos três vertentes interpretativas: (1) a santificação como proposta central do movimento de santidade; (2) uma versão que dividia em termos mais rigorosos a experiência cristã em duas obras da graça; e (3) uma corrente reformada-avivalista que aceitava o batismo do Espírito como evento subsequente e capacitantemente orientado para o serviço, sem, no entanto, enfatizar ritos ou sinais específicos como necessários para sua validação teológica (DAYTON, 1987 p.90).

Essas correntes formaram o pano de fundo para figuras como Moody, Torrey e Gordon, cujo ensino sobre o revestimento de poder influenciou décadas subsequentes e facilitou a recepção de experiências carismáticas nas décadas iniciais do século XX.

1.3 A EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL E A SEGUNDA BÊNÇÃO

A expressão “segunda bênção”, originalmente empregada no movimento metodista para denotar santificação subsequente, foi reinterpretada no contexto pentecostal como Batismo no Espírito Santo — experiência que, embora não acrescente mérito à salvação, amplia o crente em poder e em capacidade ministerial. Essa “segunda bênção” foi, na prática pentecostal, frequentemente associada ao falar em línguas e à manifestação carismática, o que contribuiu para a identidade distinta do Pentecostalismo entre as tradições evangélicas (FERREIRA, 2007 p.851-852).

2. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO SEGUNDO O MOVIMENTO PENTECOSTAL

O pentecostalismo clássico define o Batismo no Espírito Santo como experiência subsequente à conversão, destinada a conferir poder para o testemunho e serviço. Essa experiência articula-se com uma pneumatologia que valoriza a presença dinâmica do Espírito na vida da Igreja e no acontecimento histórico da missão. Ao mesmo tempo, o movimento apresenta uma hermenêutica que lê *Atos dos Apóstolos* como modelo para a prática eclesial, entendimento que será desenvolvido no subtópico 2.4.1.

O movimento distingue, ainda, entre a regeneração (novo nascimento) e o revestimento de poder, afirmando que ambos decorrem da ação do mesmo Espírito, porém em momentos e finalidades distintas.

2.1 BASES DOUTRINÁRIAS DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

As bases doutrinárias pentecostais articulam: (a) a salvação pela graça mediante a fé em Cristo; (b) o Batismo no Espírito Santo como experiência subsequente; (c) a atualidade e operação dos dons espirituais; e (d) a missão como finalidade escatológica e prática da Igreja. J. Rodman Williams, entre outros, sintetiza a experiência pentecostal como “investidura de poder” para a ação missionária e comunitária (WILLIAMS, 1990 p. 203-204).

A ênfase na dimensão carismática não pretende deslocar a centralidade da cruz e da Palavra, mas recuperar uma dimensão neotestamentária da vida cristã — a compatibilidade entre Palavra e Espírito.

2.2 EVIDÊNCIA INICIAL: FALAR EM LÍNGUAS

A interpretação de que o falar em línguas constitui a evidência inicial do batismo tem sido uma das marcas históricas do pentecostalismo clássico. Baseada nos relatos lucanos (At 2; 10; 19), essa leitura sustenta que as línguas são sinal verificável da ação imediata e capacitadamente do Espírito. Embora

haja debates intercristãos acerca da necessidade normativa dessa evidência, no pentecostalismo clássico ela permanece como critério teológico e pastoral para muitos dos seus ramos (HORTON, 2022 P.37).

2.3 FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA DOUTRINA PENTECOSTAL

Os fundamentos bíblicos do batismo pentecostal concentram-se em Atos 1:8, Atos 2 e passagens paulinas que tratam do Espírito e dos dons (1 Co 12–14; Ef 4). A hermenêutica pentecostal tende a ler Atos não apenas como narrativa histórica, mas também como texto normativo para a vida eclesial — uma hermenêutica que coloca a experiência do Espírito em diálogo com a missão (HORTON, 2022 p.444).

3.3.1 Diálogo hermenêutico entre Roger Stronstad e I. Howard Marshall

Roger Stronstad, em seus estudos sobre Lucas-Atos, defende que a teologia lucana é explicitamente carismática e missiológica: o Espírito é concedido como revestimento de poder para a missão, e os episódios de Atos compõem um padrão que legitima a busca pentecostal por experiências análogas (HORTON, 2022 p.442-443). I. Howard Marshall, embora não pentecostal, oferece uma leitura cuidadosa de Lucas como historiador-teólogo que apresenta princípios práticos aplicáveis à igreja, sem necessariamente prescrever reprodução idêntica dos eventos. O diálogo entre os dois autores permite compreender como Atos pode servir tanto como testemunho histórico quanto como guia teológico-prático para a ação pneumatológica contemporânea (MARSHALL, 1989 p. 70–71).

Essa convergência metodológica — historicidade e normatividade — é crucial para a hermenêutica pentecostal: utilizar Atos como um modelo normativo exige prudência hermenêutica, mas também reconhece a validade da experiência comunitária retratada nas Escrituras como paradigma vivo.

2.4 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO PORTA DE ENTRADA PARA OUTROS DONS ESPIRITUAIS

Para a teologia pentecostal, o Batismo no Espírito Santo abre a porta para a vivência dos dons descritos por Paulo (1 Co 12), que são concedidos pelo Espírito “a cada um, como lhe aprouver” (1 Co 12.11). Esses dons — revelação, profecia, línguas, cura, discernimento — são entendidos como instrumentos de edificação do Corpo de Cristo e de testemunho.

A perspectiva processual, presente em Williams e em autores pentecostais contemporâneos, sublinha que o batismo é o começo de um percurso carismático: o crente batizado no Espírito é introduzido numa vida de dependência contínua do Espírito, onde os dons se manifestam segundo a vontade divina e conforme a necessidade da comunidade (WILLIAMS, 1996 p. 142; 271).

2.5 PERSPECTIVA DOS AUTORES PENTECOSTAIS BRASILEIROS SOBRE AS DOCTRINAS PENTECOSTAIS

No Brasil, o desenvolvimento doutrinário do pentecostalismo contou com contribuições relevantes de autores que articularam a experiência local com a teologia global do movimento. Entre eles destacam-se:

- Ezequias Soares — enfatiza o aspecto missionário do batismo e a sua função edificadora; (SOARES, 2018)
- Eneas Tognini — destaca a ética do serviço e a santidade como fruto da plenitude do Espírito; (TOGNINI, 1990)
- Walter Brunelli — chama à moderação e ao discernimento no exercício dos dons; (BRUNELLI, 2016 p.249-250)
- Orlando Boyer — popularizou narrativas devocionais que reforçaram a busca pelo poder do Espírito. Uma de suas grandes obras, foi o livro Heróis da Fé. (BOYER, 1940)

- Eurico Bergstén — missionário sueco que sistematizou doutrinas e ajudou a institucionalizar o ensino do batismo e dos dons nas Assembleias de Deus. (BERGSTÉN, 1980)

Esses autores, em diálogo com as fontes clássicas (Torrey, Williams, Stronstad), ajudaram a conformar uma teologia brasileira do Espírito que é ao mesmo tempo vivencial e teologicamente articulada. Eles sublinham que a experiência carismática deve resultar em santidade, serviço e testemunho — o que dá ao pentecostalismo brasileiro um caráter tanto místico quanto prático.

2.6 DIMENSÕES PRÁTICAS E MISSIONÁRIAS

A dimensão prática do Batismo no Espírito Santo se manifesta claramente no compromisso missionário do movimento pentecostal. A ênfase no “poder” como habilitação para testemunhar desloca a experiência do âmbito privado para a arena pública. Igrejas pentecostais se tornaram centros de mobilização missionária, ação social e evangelização intensa — expressão concreta da teologia que liga o Espírito à missão.

2.7 CONCLUSÃO PARCIAL DO CAPÍTULO

O movimento pentecostal formulou uma pneumatologia que é simultaneamente experiencial e teológica: o Batismo no Espírito Santo é a experiência subsequente que introduz o crente numa vida de dons e de missão. A leitura pentecostal de Atos e a recepção histórica das experiências carismáticas consolidaram uma forma de cristianismo que busca restaurar a vivência apostólica de poder e testemunho.

3. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO PRECEITO SOTERIOLÓGICO

A relação entre o Batismo no Espírito Santo e a soteriologia cristã constitui um dos pontos mais relevantes e debatidos na teologia contemporânea. Enquanto o movimento pentecostal compreende o batismo no Espírito como uma experiência subsequente à conversão, de natureza empoderadora e carismática, a tradição teológica clássica — especialmente as linhas reformadas e evangélicas históricas — entende esse batismo como parte integrante do processo de salvação, ocorrendo simultaneamente à regeneração e à união com Cristo.

Para compreender adequadamente o caráter soteriológico dessa doutrina, é necessário analisá-la à luz da teologia sistemática e bíblica. Autores como Herman Bavinck, Millard J. Erickson, Augustus H. Strong, Wayne Grudem e Franklin Ferreira oferecem importantes subsídios para essa leitura. Além disso, a teologia bíblica representada por Donald Guthrie, D. A. Carson, Douglas Moo, F. F. Bruce e I. Howard Marshall contribui para uma exegese sólida do tema nas Escrituras, especialmente em passagens como 1 Coríntios 12:13, Romanos 8:9 e Efésios 1:13–14.

3.1 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO

Na tradição reformada, o Batismo no Espírito Santo é compreendido como parte da aplicação da redenção, ou seja, da obra pela qual os benefícios da cruz de Cristo são comunicados aos eleitos por meio da ação do Espírito Santo. Bavinck (2006, p. 543) afirma que “o Espírito é o elo vital que une o crente a Cristo, tornando-o participante de Sua morte e ressurreição”. Dessa forma, o batismo no Espírito não é um evento posterior, mas o momento espiritual da incorporação do crente no Corpo de Cristo.

Augustus Strong (1907, p. 820) define o batismo no Espírito como “aquela operação do Espírito pela qual o crente é unido a Cristo e, conseqüentemente, à comunidade dos redimidos”. Tal definição reforça o aspecto posicional e

ontológico da experiência, em contraste com a leitura experiencial e carismática proposta pela teologia pentecostal.

Millard Erickson (2015 p.839) segue a mesma linha ao afirmar que o batismo do Espírito é a iniciação do crente na vida cristã, o ato pelo qual ele se torna membro do corpo de Cristo. Para o autor, a presença do Espírito é evidência da regeneração e não um dom subsequente a ela. Essa visão está ancorada em 1 Coríntios 12:13, texto central para a teologia soteriológica do Novo Testamento: “Pois em um só Espírito fomos todos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres”.

3.2 O ESPÍRITO SANTO E A UNIÃO COM CRISTO

O conceito de união com Cristo é central para a compreensão do batismo no Espírito sob o ponto de vista soteriológico. Essa união é simultaneamente mística e real, sendo o Espírito o agente mediador dessa comunhão. Conforme Wayne Grudem (1999, p. 877), “é o Espírito Santo quem nos coloca em Cristo e faz com que compartilhemos de todos os benefícios de Sua obra redentora”.

Essa perspectiva está em harmonia com a teologia paulina, especialmente em Romanos 6:3–5, onde Paulo afirma que todos os que foram batizados em Cristo foram batizados em Sua morte. Assim, o batismo no Espírito Santo simboliza e realiza a inserção do crente na realidade da redenção. Donald Guthrie (1990, p. 542) reforça essa ideia ao afirmar que o batismo no Espírito é o meio pelo qual o crente é introduzido na nova vida da comunidade cristã, tornando-se parte de um organismo espiritual que transcende o individualismo religioso.

Franklin Ferreira (2007, p.866), em consonância com essa leitura, explica que o batismo no Espírito não é uma segunda bênção, mas a bênção inicial da salvação, pela qual somos unidos a Cristo e selados para a vida eterna. Essa abordagem é partilhada por D. A. Carson (1992, p. 412), que vê o evento do batismo espiritual como o cumprimento da promessa de João Batista (Mt 3:11), realizada definitivamente em Pentecostes, e repetida espiritualmente em cada conversão.

3.3 DIMENSÕES BÍBLICAS E EXEGÉTICAS DO BATISMO NO ESPÍRITO

A análise exegética dos textos bíblicos revela que o batismo no Espírito Santo é inseparável da regeneração. Douglas Moo (1996, p. 489), ao comentar Romanos 8:9, afirma que “não há crente sem o Espírito, e não há Espírito sem Cristo — a posse do Espírito é a evidência da salvação”. Essa interpretação é reforçada por F. F. Bruce (1980, p. 315), que considera o batismo espiritual o ato de inserção do crente na nova humanidade redimida.

Em Efésios 1:13–14, Howard Marshall (1978, p. 203) vê o selo do Espírito como sinônimo do batismo espiritual, ato que marca o início da vida cristã. Ele observa que o Espírito é dado “no momento em que o crente crê”, funcionando como penhor da herança escatológica.

Assim, o testemunho bíblico não apoia uma separação entre conversão e batismo no Espírito. A experiência pentecostal subsequente pode ser compreendida como revestimento de poder (At 1:8), mas não como um novo batismo. A distinção entre batismo e plenitude, portanto, é crucial para harmonizar as leituras bíblica e teológica.

3.4 O TESTEMUNHO TEOLÓGICO SISTEMÁTICO

A teologia sistemática, ao tratar da obra do Espírito Santo, distingue entre o batismo, a habitação e o enchimento do Espírito. Segundo Erickson (2013, p. 840-841), o batismo é um evento único e definitivo, enquanto o enchimento é contínuo e repetitivo, relacionado à santificação e ao serviço cristão.

Bavinck (2006, p. 547) corrobora essa distinção ao afirmar que “o Espírito que habita no crente é o mesmo que o incorporou ao corpo de Cristo, mas sua plenitude se manifesta progressivamente na vida de fé”. Esse desenvolvimento da graça é parte do processo soteriológico que culmina na glorificação.

Augustus Strong (1907, p. 825) também reforça a unidade entre regeneração e batismo espiritual: “Não há intervalo entre ser regenerado e ser batizado no Espírito; são duas descrições do mesmo ato de incorporação à vida

de Cristo”. Assim, o batismo no Espírito Santo não deve ser buscado como uma experiência posterior, mas reconhecido como a realidade espiritual da salvação.

3.5 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E ECLESIOLOGICAS

A compreensão soteriológica do batismo no Espírito traz implicações diretas para a vida da Igreja. Wayne Grudem (1999, p. 881) afirma que essa doutrina enfatiza a unidade do corpo de Cristo, pois todos os crentes, independentemente de dons ou experiências, participam igualmente do mesmo Espírito.

Do ponto de vista pastoral, essa abordagem evita divisões baseadas em experiências subjetivas e promove uma espiritualidade centrada na comunhão e na maturidade cristã. Franklin Ferreira (2007, p. 869) observa que a verdadeira plenitude do Espírito é manifestada não apenas em dons carismáticos, mas sobretudo em santidade, serviço e amor fraternal.

3.6 CONCLUSÃO PARCIAL DO CAPÍTULO

O batismo no Espírito Santo, quando compreendido como um ato soteriológico, revela-se como o fundamento espiritual da vida cristã. Ele é o meio pelo qual o crente é regenerado, unido a Cristo e incorporado à comunidade da fé. As contribuições dos teólogos sistemáticos e bíblicos analisados demonstram que essa doutrina, longe de ser periférica, constitui o eixo central da experiência cristã.

Embora o pentecostalismo tenha ressaltado o aspecto experiencial e carismático dessa obra, a leitura soteriológica oferece uma compreensão mais abrangente, integrando regeneração, adoção, santificação e comunhão eclesial. Assim, a verdadeira plenitude do Espírito manifesta-se não em eventos isolados, mas na vida contínua de fé, santidade e serviço ao Reino de Deus.

4. ANÁLISE DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13

O capítulo 12 da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios apresenta uma das exposições mais detalhadas sobre os dons espirituais e a natureza da igreja como corpo de Cristo. Dentro dessa unidade temática, os versículos 12 e 13 constituem o núcleo teológico no qual Paulo fundamenta sua compreensão da unidade espiritual da igreja. A metáfora do corpo é introduzida como recurso pedagógico e teológico para demonstrar que, apesar da diversidade de dons, todos os cristãos participam de uma mesma realidade espiritual: o corpo de Cristo. É nesse contexto que surge a afirmação decisiva: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo” (1 Co 12:13).

Este capítulo visa estabelecer uma análise exegética aprofundada desses versículos e examinar como diferentes tradições teológicas — especialmente a reformada e a pentecostal — interpretam essa declaração paulina.

4.1 TRADUÇÃO EXEGÉTICA DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13 (GREGO + ANÁLISE PALAVRA POR PALAVRA)

1 Coríntios 12:12 – Texto Grego

Καθάπερ γὰρ τὸ σῶμα ἐν ἑστίν καὶ μέλη πολλὰ ἔχει, πάντα δὲ τὰ μέλη τοῦ σώματος πολλὰ ὄντα ἐν ἑστὶν σῶμα, οὕτως καὶ ὁ Χριστός·

Tradução Exegética Literal

“Pois assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, sendo muitos, são um só corpo — assim também é o Cristo.”

Análise Palavra por Palavra

Καθάπερ γὰρ – “porque assim como”; conjunção comparativa que estabelece uma analogia explicativa.

τὸ σῶμα – “o corpo”; metáfora orgânica que representa a Igreja.

ἐν ἑστίν – “é um”; ênfase na unidade essencial.

καὶ μέλη πολλὰ ἔχει – “e tem muitos membros”; a diversidade é parte constitutiva dessa unidade.

πάντα δὲ τὰ μέλη – “e todos os membros”; inclusão total, não há exceções.

τοῦ σώματος – “do corpo”; identifica o corpo como instância corporativa e orgânica.

πολλὰ ὄντα – “embora muitos”; particípio concessivo, mostrando diversidade real.

ἓν ἐστὶν σῶμα – “são um só corpo”; repetição enfática.

οὕτως καὶ ὁ Χριστός – “assim também o Cristo”; Paulo identifica “Cristo” com o corpo, significando Cristo total (Cristo + sua Igreja).

1 Coríntios 12:13 – Texto Grego

καὶ γὰρ ἐν ἐνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα ἐβαπτίσθημεν, εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες, εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι· καὶ πάντες ἐν πνεύμα ἐποτίσθημεν.

Tradução Exegética Literal

“Pois também em um só Espírito nós todos fomos batizados em um só corpo — quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres — e todos fomos dessedentados com um só Espírito.”

Análise Palavra por Palavra

καὶ γὰρ – “pois também”; amplifica e fundamenta a metáfora anterior.

ἐν ἐνὶ πνεύματι – “em um só Espírito”; dativo instrumental ou locativo — meio ou esfera da ação. A ideia central: o Espírito é o agente que insere no corpo.

ἡμεῖς πάντες – “nós todos”; universalidade absoluta, base do argumento reformado.

εἰς ἓν σῶμα – “para dentro de um só corpo”; preposição εἰς com acusativo indicando movimento para dentro, ou seja: inserção.

ἐβαπτίσθημεν – “fomos batizados”;

- aoristo – ato completo, não contínuo;
- passivo – ação recebida, não produzida;
- divino-passivo – Deus é o agente implícito.

Indica um evento fundador e definitivo.

εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες – “quer judeus, quer gregos”; extremos religiosos e culturais.

εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι – “quer escravos, quer livres”; extremos sociais.

καὶ πάντες – “e todos”; repetição intencional para reforçar a universalidade.

ἐν πνεῦμα – “um só Espírito”; a mesma realidade espiritual compartilhada igualmente.

ἐποτίσθημεν – “fomos dessedentados/bebemos”; metáfora da participação plena no Espírito.

A ideia é: *não apenas inseridos, mas continuamente nutridos* pelo mesmo Espírito.

4.2 RESUMO DA TRADUÇÃO EXEGÉTICA

Os versículos destacam duas ações divinas, o batizar em um só corpo (ato inicial, posicional, definitivo) e o fazer beber de um só Espírito (participação contínua na vida espiritual).

Ambas são universais (“todos nós”) e formam a base exegética mais forte para a doutrina reformada clássica: o batismo no Espírito é evento único, salvífico, comum a todos os crentes, e ocorre na conversão.

4.3 ANÁLISE EXEGÉTICA E HERMENÊUTICA DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13 SEGUNDO TEOLOGIA REFORMADA

A perícopa de 1 Coríntios 12:12–13 assume papel central na argumentação paulina sobre a unidade e diversidade no corpo de Cristo. Paulo estabelece que a Igreja é simultaneamente una e diversa porque todos os crentes, embora distintos em dons e funções, foram igualmente incorporados a Cristo por meio do Espírito. Essa incorporação é descrita pelo verbo ἐβαπτίσθημεν (“fomos batizados”), que aparece no aoristo passivo, indicando um ato pontual, definitivo e realizado por Deus. Assim, Paulo não apresenta o batismo no Espírito como uma experiência posterior, mas como o evento inicial que define a entrada do crente na comunidade da fé.

Fritz Rienecker observa que o verbo baptízō, acompanhado do dativo “em um Espírito”, possui o sentido de inserção em uma nova esfera de existência. Ele enfatiza que, nos escritos paulinos, quando o Espírito é o agente ou meio, o verbo nunca se refere a uma infusão de poder, mas à união com Cristo e sua Igreja. Para Rienecker, a força lexical do verbo exige entender esse batismo como uma realidade universal recebida por todos os cristãos no início da vida cristã (Rienecker, 1985).

Essa leitura encontra consonância direta em Werner de Boor, que argumenta que a metáfora do corpo pressupõe que todos os membros tenham experimentado o mesmo evento espiritual básico. Se houvesse crentes com e sem batismo no Espírito, afirma de Boor, o próprio argumento paulino sobre unidade seria destruído. Para ele, Paulo fundamenta a unidade eclesial justamente no fato de que não existe qualquer exceção à obra do Espírito na conversão (de Boor, 1986 p.180-190). De Boor dialoga implicitamente com Rienecker ao reforçar que o foco lexical e teológico do texto se direciona para a inserção no corpo, e não para uma manifestação extraordinária.

Simon Kistemaker reforça esse diálogo ao afirmar que o batismo do Espírito está inseparavelmente ligado à conversão. Ele observa que Paulo nunca ordena aos cristãos que busquem esse batismo, pois ele já é uma realidade concedida no início da fé. Kistemaker ecoa em Boor ao entender que a metáfora

do corpo não comporta distinções entre “os que têm” e “os que não têm” o Espírito (Kistemaker, 2014 p.828, 829).

Wayne Grudem insere uma nuance importante ao distinguir batismo e plenitude. Para ele, o batismo do Espírito é um ato posicional e definitivo, enquanto a plenitude é uma experiência contínua e renovada. Nesse ponto, Grudem dialoga diretamente com Rienecker, pois ambos entendem que o batismo não representa “poder subsequente”, mas a entrada na esfera da nova vida. Assim, a leitura de Grudem reforça que 1 Coríntios 12:13 não pode ser interpretado como um evento pós-conversão (GRUDEM, 1994, p. 1035).

Millard Erickson complementa essa perspectiva ao afirmar que o batismo do Espírito dá início à vida cristã e não é como uma segunda bênção. Sua avaliação se alinha ao argumento estrutural de de Boor.(Erickson, 2015 p.838-840). Herman Bavinck aprofunda ainda mais essa integração ao situar o batismo no Espírito dentro do conjunto das obras salvíficas: chamado, regeneração, conversão e união com Cristo. Para ele, separar o batismo espiritual da conversão seria teologicamente insustentável (Bavinck, 2006, p. 543).

Augustus Strong segue a mesma direção, argumentando que o batismo no Espírito é o meio pelo qual o crente é unido a Cristo, reproduzindo espiritualmente aquilo que o batismo em água simboliza visivelmente. Essa análise amplia a percepção sacramental da metáfora paulina e converge com a visão de Rienecker sobre o caráter incorporador do verbo baptizō (Strong, 1907 p. 820).

Donald Guthrie também reforça essa perspectiva de unidade ao afirmar que 1 Coríntios 12:13 é a definição mais clara da formação da Igreja como corpo espiritual. Para Guthrie, em uma comunidade marcada por divisões, Paulo escolhe justamente o batismo no Espírito como elemento de unificação (Guthrie, 2011, p.748).

Douglas Moo concorda que Paulo não trata de dons nem de manifestações carismáticas. Moo vê o batismo como uma obra posicional e incorporadora, paralela ao ensino de Romanos 6:3–4 (Moo, 1996 p. 349–352). Ele dialoga com Bavinck ao enfatizar que a obra do Espírito em 1 Coríntios 12:13

pertence à ordem da salvação, não à esfera das experiências espirituais extraordinárias.

F. F. Bruce acrescenta que Paulo usa o batismo no Espírito para expressar aquilo que todos os crentes compartilham em comum. Ele destaca que a questão não são os dons espirituais, mas a realidade comunitária da fé. A leitura de Bruce reforça a universalidade e a força incorporadora analisada por Rienecker (Bruce, 2020 p.111, 112). I. Howard Marshall contribui ao diferenciar a ênfase de Lucas e Paulo, afirmando que Paulo trata aqui da dimensão soteriológica do Espírito, sem contradição com os relatos de Atos. Assim, Marshall ajuda a harmonizar eventuais tensões exegéticas (Marshall, 1978 p. 403–410).

Por fim, Franklin Ferreira sintetiza a tradição reformada ao afirmar que 1 Coríntios 12, aponta que o batismo espiritual define a própria identidade do cristão regenerado. A contribuição de Ferreira funciona como uma síntese teológica do consenso entre os autores citados (Ferreira, 2007 p.904).

Dessa forma, o diálogo entre os teólogos revela consistente unidade interpretativa: o batismo no Espírito em 1 Coríntios 12:13 é universal, ocorre na conversão, não constitui uma segunda experiência e serve como fundamento da unidade do corpo de Cristo. Paulo, ao utilizar a metáfora do corpo, afirma que todos os crentes compartilham o mesmo ato incorporador realizado pelo Espírito, o que torna impossível qualquer distinção espiritual entre categorias de cristãos. Assim, os autores citados, em suas perspectivas complementares, convergem para uma leitura profundamente coerente com o argumento paulino.

4.4 INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA PENTECOSTAL DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13

A hermenêutica pentecostal, embora compartilhe com a tradição reformada a compreensão da unidade do Corpo de Cristo e da ação do Espírito Santo na constituição da Igreja, apresenta nuances importantes na leitura do texto, especialmente no que diz respeito ao batismo no Espírito Santo e à experiência espiritual subsequente à conversão. Os autores pentecostais clássicos e contemporâneos — Howard Ervin, Stanley Horton, Robert P.

Menzies, Gordon D. Fee e Myer Pearlman — convergem na defesa de que o texto de *1 Coríntios 12:12–13* fala primariamente da incorporação do crente à Igreja, mas rejeitam que este texto esgote ou defina o batismo no Espírito Santo como experiência distinta.

4.4.1 Unidade do Corpo: Convergência Pentecostal e Reformada

Todos os autores pentecostais citados reconhecem que Paulo emprega a metáfora do corpo para destacar a unidade orgânica e espiritual da Igreja.

Gordon Fee argumenta que o uso da expressão “um só corpo” é tipicamente paulino e teologicamente funcional, enfatizando que não se trata apenas de união institucional, mas de participação vital no Espírito (FEE, 2019 p.761).

Stanley Horton reforça que o corpo é formado pela ação soberana do Espírito, que une todos os crentes independentemente de barreiras sociais, étnicas ou econômicas (HORTON, 2007 p. 141-142).

Essa leitura coincide com a perspectiva reformada, mas diverge quanto à natureza e função do “batismo” mencionado.

4.4.2 “Fomos todos batizados em um só Espírito”: Incorporação e Não a Experiência Pentecostal

Os teólogos pentecostais afirmam de maneira unânime que *1 Coríntios 12:13* não se refere ao batismo no Espírito Santo como revestimento de poder, mas à obra inicial do Espírito na salvação e na inserção do crente no Corpo de Cristo.

Gordon Fee é categórico ao afirmar que Paulo não está relatando o “batismo do Espírito”, como uma experiência separada da conversão, mas está descrevendo o evento que coloca o crente dentro da nova comunidade do Espírito (FEE, 2019 p.765).

Robert P. Menzies reforça que a terminologia usada por Paulo neste texto não possui a mesma função lucana, que define o batismo no Espírito como revestimento de poder e capacitação para testemunho (MENZIES, 2004 p.186; 217-218).

Howard Ervin distingue entre o batismo pelo Espírito, que ocorre na conversão e é soteriológico e o batismo no Espírito, experiência pentecostal subsequente, evidenciada em Atos. Para ele, *1 Co 12:13* descreve exclusivamente a primeira dimensão (ERVIN, 1987 p.193).

Stanley Horton observa que as epístolas não mencionam termos como “poder”, “dons” ou “sinais”, característicos da experiência pentecostal, razão pela qual o texto não trata da mesma realidade teológica de Atos 2 (HORTON, 2022 p.435-436).

Myer Pearlman sintetiza essa distinção afirmando que o batismo aqui é posicional e une o crente ao corpo; o batismo pentecostal é capacitação para serviço. (PEARLMAN, 2009 p.309 - 310).

Dessa forma, diferentemente da leitura reformada — que costuma entender *1 Co 12:13* como definição plena do batismo no Espírito — os autores pentecostais afirmam que Paulo e Lucas operam em categorias teológicas distintas.

4.4.3 Diversidade dos Membros e Distribuição dos Dons: Ênfase Pentecostal

O texto afirma que todos são batizados em um só Espírito, mas acrescenta que “a todos foi dado de beber de um só Espírito”. Os autores pentecostais entendem esta frase como antecipação temática da diversidade carismática presente no restante do capítulo.

Gordon Fee associa o “dar de beber” com a continuidade da ação do Espírito, que sustenta e vivifica a prática dos dons na comunidade (FEE, 2019 p.765).

Stanley Horton identifica dois movimentos no texto, sendo, batismo no Espírito como incorporação ao corpo e beber do Espírito como habilitação e continuidade da vida carismática (HORTON, 2007 p. 138 a 142).

Robert P. Menzies entende que o texto prepara o terreno para a discussão dos dons espirituais, considerados por ele sinais da presença contínua do Espírito, e não expressões do ato soteriológico inicial (MENZIES, 2004 p.186; 217-218; 229).

Howard Ervin observa que a metáfora do “beber” sugere experiências múltiplas, renováveis e dinâmicas do Espírito na vida comunitária (ERVIN, 1987 p. 35-50).

Myer Pearlman interpreta a figura como símbolo da ação sustentadora do Espírito, que nutre a vida espiritual do corpo (PEARLMAN, 2009 p.310 - 311).

4.4.4 Hermenêutica Pentecostal: Conclusões-Chave

A partir da análise dos autores pentecostais examinados, é possível identificar alguns pontos hermenêuticos fundamentais para a compreensão do texto de 1 Coríntios 12:12–13 dentro da tradição pentecostal clássica. Em primeiro lugar, todos os intérpretes reafirmam que o foco exegético imediato do texto é a salvação e a inserção do crente no corpo de Cristo, não a experiência pentecostal subsequente. Ou seja, reconhece-se que Paulo, nesse versículo, descreve a obra regeneradora e unificadora do Espírito Santo, pela qual todos os cristãos são incorporados na comunidade da fé.

Apesar disso, a hermenêutica pentecostal mantém a distinção doutrinária entre o “batismo pelo Espírito”, relacionado à regeneração descrita em 1 Co 12:13, e o “batismo no Espírito”, entendido como uma experiência distinta, subsequente e empoderadora para serviço e testemunho. Assim, o texto paulino não é visto como contraditório à doutrina pentecostal, mas como complementado por outras passagens neotestamentárias, especialmente o material lucano em Atos.

Além disso, os estudiosos pentecostais destacam que a metáfora paulina do corpo é teologicamente fundamental para a própria compreensão carismática da igreja. A unidade orgânica do corpo de Cristo, produzida pela ação regeneradora do Espírito, é vista como o fundamento que torna possível e legítima a diversidade dos dons espirituais. Dessa forma, a eclesiologia de Paulo sustenta tanto a igualdade espiritual de todos os crentes quanto a distribuição variada de capacitações espirituais para edificação da igreja.

Por fim, esses intérpretes reconhecem que a hermenêutica pentecostal dialoga com a tradição reformada e com outras correntes teológicas, mas preserva categorias próprias para explicar a continuidade da experiência carismática. Embora admitam que 1 Co 12:13 não trate do batismo pentecostal, mantêm a convicção de que a experiência subsequente é coerente com o testemunho global do Novo Testamento e com a vida da igreja.

4.5 COMPARAÇÃO CRÍTICA ENTRE AS LEITURAS REFORMADA E PENTECOSTAL DE 1 CORÍNTIOS 12:12–13

A análise conjunta das leituras reformada e pentecostal de 1 Coríntios 12:12–13 revela pontos de convergência significativos, especialmente quanto à compreensão da unidade do Corpo de Cristo e do papel fundamental do Espírito Santo na constituição da Igreja. Contudo, ao comparar os argumentos centrais de cada tradição, percebe-se que a leitura reformada apresenta maior coerência exegética com a estrutura do texto paulino, especialmente no que diz respeito à natureza e ao tempo do “batismo em um só Espírito”. A seguir, desenvolve-se um diálogo crítico entre as posições.

4.5.1 O Sentido do Verbo ἐβαπτίσθημεν: A Força do Aoristo Passivo

Reformados e pentecostais concordam que o verbo ἐβαπτίσθημεν (“fomos batizados”) desempenha papel crucial na argumentação paulina. Entretanto, diferem quanto à implicação teológica desse verbo.

Os autores reformados — Rienecker, de Boor, Grudem, Erickson e Bavinck — destacam que o uso do aoristo passivo indica um ato pontual, definitivo e realizado por Deus, que introduz o crente na nova esfera da vida em Cristo. Essa leitura é reforçada pelo argumento lexical de Rienecker (1985), segundo o qual, quando o Espírito é apresentado como o meio ou agente, o verbo baptizō não descreve infusão de poder, mas incorporação ao corpo.

Os teólogos pentecostais, como Fee, Ervin e Menzies, aceitam que o verbo descreve a obra soteriológica inicial, mas insistem que sua aplicação não pode limitar a experiência pentecostal subsequente. Contudo, essa distinção parece ser introduzida não pelo texto, mas por um esquema teológico externo baseado no livro de Atos. Do ponto de vista estritamente exegético, a leitura reformada demonstra maior fidelidade ao fluxo argumentativo de Paulo.

4.5.2 A Universalidade do “Todos Nós”: Um Argumento Decisivo

Adolf Pohl enfatiza que a expressão “todos nós” elimina qualquer possibilidade de categorias espirituais diferenciadas dentro da igreja. O texto não abre espaço para distinções entre crentes “com” ou “sem” o Espírito. A universalidade do batismo do Espírito constitui o fundamento do argumento de unidade.

De Boor amplia esse ponto ao afirmar que, caso houvesse um grupo especial de crentes que tivesse recebido uma experiência distinta, o argumento de Paulo seria logicamente comprometido (de Boor, 1986 p.186–188). Paulo fundamenta sua defesa da unidade justamente na ausência de tais distinções.

Os pentecostais concordam com essa universalidade, mas sustentam que ela se refere apenas ao batismo soteriológico, distinguindo-o do batismo pentecostal subsequente. Contudo, essa distinção não emerge do texto, mas da tentativa de conciliar Paulo com a teologia lucana de Atos. Assim, na leitura comparativa, a tradição reformada demonstra ser mais coerente com o uso paulino da metáfora.

4.5.3 O Propósito do Batismo: Unidade Versus Poder

A análise reformada, representada por autores como Grudem, Kistemaker, Erickson e Moo, argumenta que o propósito explícito do batismo é “formarmos um só corpo”, não conferir poder para ministério. Esta é uma conclusão exegética direta: o contexto é estritamente eclesiológico.

Autores pentecostais como Fee e Horton reconhecem que o texto não trata do revestimento de poder. Fee declara que Paulo não está descrevendo uma experiência distinta da conversão (Fee, 2019 p.764-765). Horton ressalta que 1Co 12:13 carece de termos ligados ao poder ou ao testemunho, característicos da teologia pentecostal.

Assim, a própria tradição pentecostal acaba confirmando o ponto reformado: Paulo não está falando sobre o que ocorreu em Atos 2, sobre a descida do Espírito Santo, mas da união com Cristo e com o corpo. A diferença está no que cada tradição faz com essa constatação. A interpretação reformada toma o texto como normativo para definir o batismo no Espírito, enquanto a pentecostal entende que o texto não esgota o assunto e recorre a Atos para completar a doutrina.

Exegética e historicamente, porém, o argumento reformado se mostra mais coerente ao permitir que Paulo defina seus próprios termos dentro do corpus paulino.

4.5.4 “Beber do Espírito”: Sustentação Espiritual ou Habilitação Carismática?

A expressão “a todos foi dado de beber de um só Espírito” é interpretada de maneiras distintas.

Entre os reformados, comentaristas como Moo e Carson interpretam “beber” como metáfora da participação contínua na vida espiritual que o Espírito concede. Essa leitura é consistente com o uso veterotestamentário e com a própria teologia paulina.

Já os pentecostais, como Fee, Horton e Menzies, veem na metáfora uma antecipação do exercício dos dons espirituais que Paulo discutirá mais adiante. Embora essa leitura seja teologicamente compatível com o restante do capítulo, ela não decorre necessariamente da frase em si. A leitura reformada se mostra mais aderente ao paralelismo do versículo: batismo que une → beber que sustenta.

Portanto, no diálogo comparativo, a posição reformada apresenta maior precisão textual.

4.5.5 Paulo e Lucas: Mesma Doutrina ou Ênfases Distintas?

A distinção pentecostal entre batismo soteriológico (Paulo) e batismo pentecostal (Lucas) é uma construção teológica consistente dentro do sistema pentecostal clássico, mas não se apoia diretamente no texto paulino.

Paulo trata da dimensão soteriológica do Espírito; Lucas da esfera missional e carismática. A tradição reformada toma essa distinção como suficiente para afirmar que **não se podem misturar categorias**.

Assim, no diálogo crítico, a leitura reformada demonstra maior rigor hermenêutico ao não impor sobre Paulo categorias lucanas que ele não utiliza.

4.5.6 Conclusão Comparativa: A Superioridade Exegética da Leitura Reformada

A comparação crítica evidencia que ambas as tradições afirmam a unidade do Corpo de Cristo e reconhecem que 1 Coríntios 12:12–13 trata da incorporação do crente à Igreja. Contudo, as divergências aparecem na extensão teológica atribuída ao texto.

A **interpretação reformada** se mostra superior por três razões:

1. **Fidelidade lexical:** O uso paulino de baptízō, no aoristo passivo, e o dativo instrumental “em um Espírito” apontam para um ato incorporador, não uma experiência carismática.

2. **Coerência contextual:** Todo o argumento de Paulo visa demonstrar a unidade do corpo, o que exige um batismo universal e não múltiplas experiências distintas.

3. **Consistência canônica:** A leitura reformada respeita a autonomia teológica paulina, evitando importar categorias lucanas para dentro das epístolas de modo artificial.

Os autores pentecostais apresentam uma hermenêutica interna coerente com sua teologia pneumatológica, mas sua leitura depende de pressupostos externos ao texto. A tradição reformada, ao contrário, permite que o texto fale por si e, por isso, oferece a interpretação mais robusta, exegética e teologicamente fundamentada de 1 Coríntios 12:12–13.

5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL E COMO ATO SOTERIOLÓGICO

O Batismo no Espírito Santo ocupa um lugar central no diálogo entre o pentecostalismo clássico e a tradição teológica reformada/evangélica histórica. Enquanto o pentecostalismo enfatiza a dimensão experiencial e carismática, compreendendo o batismo como revestimento de poder subsequente à conversão, a tradição reformada sustenta que o batismo espiritual ocorre no ato da regeneração, integrando o crente ao Corpo de Cristo.

A finalidade deste capítulo é apresentar uma **análise comparativa**, destacando os fundamentos bíblicos, hermenêuticos e teológicos que sustentam cada perspectiva, bem como suas convergências e divergências. Essa comparação permite avaliar de forma equilibrada como cada abordagem contribui para a compreensão da pneumatologia cristã, sabendo que a principal divergência entre os dois modelos reside no ponto de partida hermenêutico.

5.1 HERMENÊUTICA PENTECOSTAL (ATOS COMO PARADIGMA NORMATIVO) E HERMENÊUTICA REFORMADA (EPÍSTOLAS COMO NORMATIVAS)

O pentecostalismo parte da leitura de Atos dos Apóstolos como **modelo normativo** para a prática da Igreja. As experiências dos discípulos — em especial as narrativas de Atos 2, 8, 10 e 19 — são entendidas como padrão replicável na vida cristã contemporânea.

Principais características:

- Ênfase nas narrativas lucanas como **prescritivas**.
- Interpretação de Atos 1:8 como promessa atual e experiencial.
- Leitura de episódios de “subsecção” como norma: crentes regenerados que, posteriormente, recebem revestimento de poder.
- Valorização da fenomenologia espiritual (línguas, dons, manifestações).

A tradição reformada compreende as narrativas de Atos como **descritivas**, atribuindo maior peso normativo às epístolas, especialmente às cartas paulinas.

Principais características:

- Primazia de 1 Coríntios 12:13 como texto normativo.
- Ênfase em Romanos, Efésios e Gálatas para determinar a doutrina do Espírito.
- Interpretação das experiências de Atos como eventos transicionais, únicas na história da redenção.
- Distinção rigorosa entre **batismo** (ato único e soteriológico) e **enchimento** (ato repetido e capacitador).

A divergência hermenêutica é o elemento que organiza todas as demais diferenças doutrinárias onde os pentecostais creem que Atos define o que é o batismo, enquanto os reformados creem que Paulo define o que é o batismo.

5.2 DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS

5.2.1 Natureza do Batismo no Espírito

As divergências doutrinárias entre o Pentecostalismo e a Teologia Reformada a respeito da natureza do Batismo no Espírito Santo decorrem de entendimentos distintos sobre sua ocorrência, finalidade e evidências.

No Pentecostalismo, o batismo no Espírito é compreendido como uma experiência subsequente à conversão, destinada a conceder ao crente um revestimento de poder para o serviço e testemunho cristão. Em grande parte das denominações pentecostais, a evidência inicial dessa experiência é identificada com o falar em outras línguas.

Já na teologia Reformada e na tradição evangélica histórica, o batismo no Espírito é entendido como um ato soteriológico que ocorre no próprio momento

da conversão, onde a finalidade é a inserção no corpo de Cristo, regeneração e união com Cristo. Dessa perspectiva, as evidências desse batismo é a fé salvadora e a transformação de vida.

5.2.2 Distinção entre Batismo e Plenitude

Outra diferença importante entre as tradições teológicas diz respeito à distinção entre batismo e plenitude do Espírito Santo. Ambas reconhecem que a plenitude é uma experiência renovável e contínua na vida do crente, mas divergem quanto ao significado do batismo.

No Pentecostalismo, a plenitude pode ocorrer repetidas vezes, enquanto o batismo no Espírito é entendido como uma experiência subsequente à conversão. Já na teologia Reformada, embora a plenitude também seja vista como uma realidade repetitiva e contínua, o batismo no Espírito é compreendido como um evento único, ocorrido no ato da conversão, quando o crente é regenerado e incorporado ao corpo de Cristo. Assim, enquanto os pentecostais diferenciam claramente uma experiência pós-conversão da vivência contínua do Espírito, os reformados veem o batismo como parte da obra salvífica inicial e a plenitude como um aprofundamento dessa mesma graça.

5.2.3 Papel das Línguas

No Pentecostalismo, o falar em línguas é entendido como sinal inicial do batismo no Espírito e um elemento de empoderamento espiritual. Já na teologia Reformada, as línguas são reconhecidas como um dom legítimo, porém não normativo, nem relacionado ao batismo no Espírito. Assim, enquanto os pentecostais veem as línguas como evidência necessária da experiência subsequente, os reformados as tratam apenas como uma das possíveis manifestações do Espírito, sem caráter universal.

5.3 CONVERGÊNCIAS TEOLÓGICAS

5.3.1 O Espírito está presente na vida de todo crente

Ambas as tradições concordam que todo crente possui o Espírito e que Sua presença é essencial para a vida cristã. Reconhecem igualmente que é o Espírito quem capacita, transforma e santifica, conduzindo-o a uma vida de fé madura e frutífera.

5.3.2 A necessidade da plenitude do Espírito

Ambas as tradições reconhecem que a vida cristã requer dependência contínua do Espírito, pois é Ele quem sustenta, guia e fortalece o crente diariamente. Da mesma forma, afirmam a necessidade de uma renovação espiritual constante (Ef 5:18).

5.3.3 Os dons espirituais são atuais

Ambas as tradições reconhecem a atualidade dos dons espirituais, ainda que diferenciando sua manifestação. Os pentecostais enfatizam carismas extraordinários. Já entre os reformados, afirmam continuidade dos dons (nos ramos não-cessacionistas) ou sua suficiência para edificação (nos ramos cessacionistas moderados).

5.4 IMPLICAÇÕES ECLESIOLÓGICAS E PASTORAIS

5.4.1 Pentecostalismo

No pentecostalismo, as implicações eclesiológicas e pastorais do batismo no Espírito refletem uma espiritualidade voltada para a missão e a

evangelização, incentivando os crentes a buscarem ativamente experiências espirituais. Eles estimulam ambientes devocionais abertos à manifestação dos dons, entendidos como parte natural do culto. Além disso, testemunhos e experiências pessoais são valorizados como elementos que fortalecem a fé e edificam a vida comunitária.

5.4.2 Teologia Reformada/Evangélica

Na teologia reformada e evangélica, as implicações eclesiológicas destacam a unidade do corpo de Cristo, afirmando que todos os crentes são igualmente batizados pelo Espírito no momento da conversão. Por isso, evita-se qualquer divisão entre “crentes comuns” e “crentes cheios”, preservando a igualdade espiritual entre todos os membros. As igrejas dessa tradição priorizam um ensino doutrinário sólido, aliado à formação espiritual contínua.

5.5 CAMINHOS DE DIÁLOGO ENTRE AS TRADIÇÕES

Nas últimas décadas, um diálogo crescente entre pentecostais e reformados tem gerado significativa aproximação teológica. De um lado, muitos representantes pentecostais têm reconhecido que, nas cartas de Paulo, o batismo no Espírito possui um sentido claramente soteriológico, ao passo que as experiências descritas em Atos podem ser melhor compreendidas como momentos de revestimento de poder, distintos do ato inicial de inserção no corpo de Cristo. De outro lado, diversos teólogos reformados têm admitido a realidade de manifestações subsequentes do Espírito, compreendidas não como batismo, mas como enchimento e renovação espiritual contínua, além de reafirmarem a validade dos dons para a vida da igreja.

Nesse movimento de convergência, emerge um ponto comum: o batismo no Espírito é entendido como a obra que une o crente a Cristo e ao seu corpo, enquanto o mesmo Espírito continua a conceder poder, dons e renovação ao longo da jornada cristã. Assim, ambas as tradições reconhecem que a vida cristã

depende da ação constante do Espírito, ainda que organizem essa dinâmica por categorias teológicas distintas.

5.6 A SUPERIORIDADE DA INTERPRETAÇÃO REFORMADA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

A análise exegética de 1 Coríntios 12:12–13, aliada ao estudo comparado entre a hermenêutica reformada e a pentecostal, permite concluir que a interpretação reformada oferece maior coerência bíblica, sistemática e pastoral sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo. Ao tratar o batismo no Espírito como um ato único, definitivo e inseparável da conversão, a tradição reformada preserva a unidade da obra salvífica de Cristo e evita divisões desnecessárias no Corpo de Cristo. Essa leitura encontra sólido respaldo em teólogos como Wayne Grudem e Frederick Dale Bruner, cujos trabalhos demonstram, de forma consistente, que a teologia pentecostal clássica incorre em equívocos doutrinários e pastorais ao separar conversão e batismo no Espírito como experiências distintas.

5.6.1. Unidade da Obra do Espírito na Conversão

Wayne Grudem enfatiza que o Novo Testamento apresenta o batismo no Espírito como parte do pacote salvífico inicial, e não como uma segunda bênção posterior (GRUDEM, 1994, p. 768–771). Para ele, a tentativa pentecostal de interpretar o batismo no Espírito como revestimento subsequente de poder, e assim quebra artificialmente a obra unificadora do Espírito e cria categorias que o texto bíblico não sustenta (1999, p.646).

Essa crítica está diretamente alinhada com a análise reformada de 1Co 12:13: todos os crentes, sem exceção, são batizados no Espírito no momento em que entram no Corpo de Cristo, não posteriormente.

5.6.2. Problemas Hermenêuticos da Leitura Pentecostal

Frederick Dale Bruner, em sua obra monumental *A Theology of the Holy Spirit* (1970 p.119–124), demonstra que a interpretação pentecostal falha em distinguir adequadamente as narrativa (Atos) e a doutrina apostólica normativa (Epístolas)

Segundo Bruner, basear uma doutrina universal sobre experiências narrativas de Atos cria uma teologia fragmentada e dependente de eventos históricos irrepetíveis. Ele afirma:

“Quando a narrativa se torna normativa sem autorização apostólica explícita, formamos doutrinas que o próprio Novo Testamento não pretende ensinar” (Bruner, 1970 p. 120).

Isso afeta diretamente a doutrina pentecostal do batismo no Espírito como subsequente.

5.6.3. Problemas Pastorais Criados pela Doutrina Pentecostal

Grudem e Bruner convergem na crítica de que a doutrina pentecostal, quando aplicada na prática eclesial, produz consequências nocivas, tais como:

a) Criação de cristãos de “segunda classe”:

A distinção entre “crentes batizados no Espírito” e “crentes não batizados” inevitavelmente gera castas espirituais. Grudem alerta:

“O Novo Testamento não apresenta nenhum ensino sobre o cristianismo de dois níveis ou duas classes ” (GRUDEM, 1999 p.646).

b) Confusão espiritual e emocional:

Bruner observa que muitos cristãos passam a buscar experiências subjetivas como validação espiritual, o que provoca culpa, ansiedade e frustrações profundas. Para ele a doutrina da subsequencialidade frequentemente desloca o foco de Cristo para a busca de experiências. (Bruner, 1970 p.121).

c) Centralidade deslocada dos dons específicos (especialmente línguas):

Ambos os autores afirmam que enfatizar línguas como evidência do batismo no Espírito leva à distorção do ensino paulino e gera pressão indevida dentro das comunidades.

5.6.4. A Interpretação Reformada Preserva a Unidade da Igreja

A leitura reformada de 1 Coríntios 12:12–13 contribui para a preservação da unidade da igreja ao afirmar que todos os crentes, sem distinção, são incorporados ao corpo de Cristo pelo mesmo Espírito. Essa compreensão reforça a igualdade espiritual entre os membros, promove uma dependência constante de Cristo como cabeça da igreja, favorece maior maturidade teológica e proporciona estabilidade pastoral ao evitar categorias que possam dividir a comunidade em níveis de espiritualidade.

Ela evita transformar o Espírito Santo em um “meio de obtenção de experiências espirituais”, reforçando que o objetivo do Espírito é glorificar a Cristo (Jo 16:14).

6 CONCLUSÃO

O objetivo central deste Trabalho de Conclusão de Curso foi analisar a interpretação de 1 Coríntios 12:12–13 no contexto da doutrina do batismo no Espírito Santo, investigando de modo comparativo as abordagens Reformada e Pentecostal clássica, com ênfase especial nas implicações exegéticas, teológicas e pastorais presentes em cada tradição. Partindo de uma análise cuidadosa do texto paulino, avançando pela discussão histórica e teológica das duas perspectivas e culminando em uma avaliação sistemática fundamentada nos teólogos reformados Wayne Grudem e Frederick Dale Bruner, foi possível alcançar uma compreensão sólida e coerente do ensino bíblico sobre o tema.

6.1 RETOMADA DOS ACHADOS EXEGÉTICOS

A exegese de 1 Coríntios 12:12–13, desenvolvida no Capítulo 3, demonstrou que Paulo utiliza a metáfora do corpo para enfatizar a unidade orgânica e espiritual da Igreja, formada soberanamente pelo Espírito Santo. O verso 13, ao afirmar que “todos fomos batizados em um só Espírito”, apresenta o batismo no Espírito como ato universal, simultâneo e inaugurador da vida cristã. Nesta passagem, a ênfase está na incorporação ao Corpo de Cristo, e não em uma experiência subsequente de revestimento de poder.

Tal constatação foi decisiva para a conclusão geral: a própria estrutura do argumento paulino impede a leitura pentecostal subsequente e confirma a interpretação reformada.

6.2 COMPARAÇÃO HERMENÊUTICA: REFORMADOS X PENTECOSTAIS

Nos capítulos 4 e 5, o trabalho analisou detalhadamente as hermenêuticas reformada e pentecostal.

A hermenêutica reformada — representada por Herman Bavinck e especialmente Wayne Grudem — interpreta 1 Coríntios 12:13 como parte

inseparável da obra salvífica inicial. Para essa tradição, o batismo no Espírito não é uma segunda bênção; é a própria obra regeneradora que insere o crente na vida do Espírito.

Em contraste, os autores pentecostais — Howard Ervin, Stanley Horton, Robert Menzies, Gordon Fee e Myer Pearlman — distinguem entre batismo pelo Espírito (soteriológico, 1Co 12:13) e batismo no Espírito (experiência pentecostal de poder, Atos).

Embora a hermenêutica pentecostal apresente argumentos consistentes dentro de seu próprio sistema teológico, ela se apoia sobretudo na leitura narrativa de Atos e não nas epístolas, o que gera tensões sérias quando se busca formular doutrina sistemática.

Essa comparação deixou claro que a interpretação pentecostal força uma distinção que o texto paulino não apresenta, enquanto a interpretação reformada harmoniza a exegese, a teologia bíblica e a prática pastoral.

6.3 FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA REFORMADA: GRUDEM E BRUNER

A partir de Wayne Grudem e Frederick Dale Bruner, conseguimos demonstrar que o Novo Testamento não distingue dois tipos de cristãos e que a doutrina pentecostal cria artificialmente categorias espirituais que não existem no ensino apostólico. Tal separação contradiz diretamente 1Co 12:13, no qual todos são batizados, sem exceção, no momento da fé.

A doutrina pentecostal da subsequencialidade depende de uma leitura inadequada de Atos, onde relata eventos fundacionais e missionais, não padrões normativos universais. Transformar tais episódios em doutrina prescritiva rompe com a unidade da teologia neotestamentária.

A interpretação pentecostal causa implicações pastorais negativas, ambos os autores destacam riscos sérios, como a criação de cristãos de “segunda classe, a insegurança espiritual, a confusão entre plenitude do Espírito e dons específicos e a pressão psicológica para manifestações externas.

A abordagem reformada, ao contrário, oferece segurança, clareza doutrinária, saúde espiritual e uma compreensão bíblica e equilibrada da ação do Espírito.

6.4 ENCERRAMENTO

À luz do percurso histórico, exegético e teológico desenvolvido ao longo deste trabalho, torna-se evidente que a interpretação reformada do batismo no Espírito Santo apresenta maior fidelidade ao ensino de Paulo em 1 Coríntios 12:12–13. A análise textual demonstrou que o apóstolo descreve ali a ação salvífica inicial do Espírito, pela qual o crente é unido a Cristo e incorporado ao Corpo, e não um revestimento de poder subsequente.

A hermenêutica pentecostal, apesar de seu zelo e sinceridade espiritual, evidencia fragilidades quando transpõe para o texto paulino categorias oriundas principalmente de narrativas lucanas. Tal procedimento resulta em uma confusão entre experiências carismáticas e doutrina normativa, gerando formulações teológicas que não se sustentam diante da exegese contextual e do conjunto do ensino neotestamentário.

Autores como Wayne Grudem e Frederick Dale Bruner contribuíram decisivamente para a elucidação dessa distinção, demonstrando que o batismo no Espírito Santo ocorre no momento da conversão, de forma simultânea à regeneração, justificação e adoção. A partir daí, a vida cristã prossegue na dinâmica da plenitude do Espírito, que é renovável, contínua e destinada a todos os crentes — e não uma segunda bênção reservada a um grupo espiritual superior. Essa compreensão evita divisões artificiais no Corpo de Cristo e reafirma que toda capacitação espiritual procede da soberana distribuição do Espírito.

Assim, conclui-se que a visão reformada oferece uma interpretação mais coerente com a teologia paulina, mais consistente em termos doutrinários e mais segura para a prática pastoral contemporânea. Ela preserva a unidade espiritual da Igreja, mantém o centro cristológico da fé e reitera a integralidade da obra do Espírito na salvação.

O Espírito Santo não estratifica a comunidade cristã em níveis espirituais, mas batiza todos no momento da fé, equipando cada membro segundo sua vontade para o serviço e a edificação mútua. Deste modo, a compreensão reformada do batismo no Espírito se mostra não apenas a mais fiel ao texto bíblico, mas também a mais adequada para sustentar uma eclesiologia saudável, madura e profundamente centrada no evangelho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como propósito analisar uma das questões mais debatidas no âmbito da teologia cristã contemporânea: a interpretação bíblica e doutrinária do batismo no Espírito Santo. A partir da análise exegética de 1 Coríntios 12:12–13, da comparação entre as tradições reformada e pentecostal clássica e do diálogo com autores representativos de ambas as correntes, a pesquisa demonstrou que o tema envolve não apenas divergências doutrinárias, mas também implicações eclesiológicas, pastorais e espirituais relevantes.

Ao longo do desenvolvimento do estudo, confirmou-se a hipótese de que o texto paulino de 1 Coríntios 12:12–13 apresenta o batismo no Espírito Santo como um ato inicial, unificador e constitutivo da identidade cristã, realizado no momento da conversão e comum a todos os crentes. A análise evidenciou que o foco do apóstolo Paulo não recai sobre experiências subsequentes ou distinções espirituais entre cristãos, mas sobre a incorporação de todos no único corpo de Cristo, mediante a ação soberana do Espírito.

Nesse sentido, constatou-se que a abordagem da tradição reformada — especialmente nas contribuições de Wayne Grudem e Frederick Dale Bruner — oferece maior coerência exegética e teológica ao interpretar o batismo no Espírito como parte integrante da obra salvífica. Tal compreensão mostrou-se mais consistente com o contexto literário de 1 Coríntios, com o conjunto da teologia paulina e com a unidade da doutrina do Espírito no Novo Testamento, evitando a fragmentação da experiência cristã em categorias não explicitadas pelo texto bíblico.

Por outro lado, a análise crítica da doutrina pentecostal clássica da subsequencialidade indicou limitações exegéticas e sistemáticas, especialmente no que diz respeito à leitura normativa de narrativas de Atos em detrimento de textos didáticos paulinos. Todavia, este estudo procurou reconhecer, de forma equilibrada, a significativa contribuição histórica e espiritual do pentecostalismo para a vida da Igreja, particularmente em sua ênfase na dependência do Espírito Santo e na vivência consciente da fé. A crítica apresentada, portanto, dirige-se à

formulação doutrinária e aos seus fundamentos hermenêuticos, e não às experiências pessoais ou à piedade cristã.

Os resultados desta pesquisa sugerem que a compreensão do batismo no Espírito Santo como realidade comum a todos os crentes preserva a unidade da obra do Espírito e evita distinções artificiais entre diferentes “níveis” de cristãos. Tal conclusão reforça a importância de uma teologia fundamentada na exegese cuidadosa das Escrituras, capaz de dialogar criticamente com a tradição histórica sem perder de vista o testemunho apostólico.

Por fim, este trabalho pretende contribuir, ainda que de forma modesta, para o diálogo teológico entre diferentes tradições cristãs, oferecendo subsídios para uma reflexão mais rigorosa, equilibrada e biblicamente orientada sobre o batismo no Espírito Santo. Espera-se que os resultados aqui apresentados incentivem novas pesquisas e aprofundamentos acadêmicos, fortalecendo a compreensão teológica e a unidade do Corpo de Cristo à luz da revelação bíblica.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

AGOSTINHO. *Sermões*. In: MIGNE, Jacques-Paul (Ed.). *Patrologia Latina*, v. 38. Paris: Garnier Fratres, 1841. col. 1232.

B

BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada: O Espírito Santo, a Igreja e a Nova Criação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

BERGSTÉN, Eurico. *Doutrinas Bíblicas: Exposição das Principais Doutrinas da Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.

BOOR, Werner de. *Der Erste Brief des Paulus an die Korinther*. Wuppertal: Brockhaus, 1986.

BOYER, Orlando. *Heróis da Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 1940.

BRUCE, F. F. *Paul: Apostle of the Heart Set Free*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

BRUCE, F. F. *The Epistle of Paul to the Romans*. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova: São Paulo, 2020

BRUNELLI, Walter. *Teologia para Pentecostais: uma teologia sistemática expandida*. Volume 2. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016

BRUNER, Frederick Dale. *A Theology of the Holy Spirit: The Pentecostal Experience and the New Testament Witness*. Eugene: Wipf & Stock, 1970.

C

CALVIN, Jean. *1 Coríntios / João Calvino – 1. Ed., 1 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2015*

CARSON, D. A. *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12–14*. Grand Rapids: Baker, 1992.

D

DAYTON, Donald W. *Theological Roots of Pentecostalism*. Peabody: Hendrickson, 1987.

E

ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ERVIN, Howard M. *Spirit Baptism: A Biblical Investigation*. Peabody: Hendrickson, 1987.

F

FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019

FERREIRA, Franklin. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*: Vida Nova, 2007.

FINNEY, Charles G. *Lectures on Revivals of Religion*. New York: Fleming H. Revell, 1875.

G

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Uma Introdução à Doutrina Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

GUTHRIE, Donald. *New Testament Theology*. Downers Grove: IVP, 1990.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011

H

HORTON, Stanley M. *What the Bible Says About the Holy Spirit*. Springfield: Gospel Publishing House, 2007.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022

K

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento 1 Coríntios 2ª Ed.* São Paulo: Cultura Cristã, 2014 2ª ed.

M

MARSHALL, I. Howard. *Kept by the Power of God*. Minneapolis: Bethany House, 1978.

MARSHALL, I. Howard. *Luke: Historian and Theologian*. Exeter: Paternoster Press, 1989.

MARSHALL, I. Howard. *New Testament Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

MENZIES, Robert P. *Empowered for Witness: The Spirit in Luke–Acts*. Eugene: Wipf & Stock, 2004.

MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

P

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia / Mayer Perlman*: tradução Lawrence Olson – 3.ed. – São Paulo: Editora Vida, 2009.

POHL, Adolf. *Der Erste Korintherbrief*. Wuppertal: Brockhaus, 1987.

R

RIENECKER, Fritz. *Linguistic Key to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

S

SOARES, Ezequias. *Assembleias de Deus: História, Doutrina e Prática / O Batismo no Espírito Santo e os Dons Espirituais*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STRONG, Augustus Hopkins. *Systematic Theology*. Philadelphia: Judson Press, 1907.

T

TOGNINI, Enéas. *A Atualidade do Pentecostes*. São Paulo: Vida, 1990.

W

WILLIAMS, J. Rodman. *Renewal Theology: The Holy Spirit and Christian Living*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. São Paulo: Vida, 1990.